

Afeto, emoções e sentimentos: uma revisão do estado da arte

Affect, emotions and feelings: a state-of-the-art review

Diego Candido Abreu  

diegocurciodeabreu@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Fernanda Vieira da Rocha Silveira  

fernanda.silveira72@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o estado da arte da noção de afeto, explicitando suas delimitações conceituais e destrinchando as complicações terminológicas que envolvem a relação dessa ideia a categorias lindeiras como emoção e sentimento. Para tanto, por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica, promovemos um sobrevoo sintético pela história de maturação e desenvolvimento da noção de afeto, desde algumas de suas elaborações mais importantes nos campos da filosofia, sociologia, psicologia e das neurociências até a sua apropriação no terreno dos estudos da Linguagem. Em seguida, discutimos as diferentes acepções e compreensões atribuídas aos afetos na literatura contemporânea que dialoga mais intimamente com o campo dos estudos sobre o impacto das experiências afetivas no ensino-aprendizagem de línguas, privilegiando uma concepção corporificada de afeto. Finalmente, delimitamos as fronteiras e espaços porosos entre as categorias de afeto, emoção e sentimento, destacando os desdobramentos da adoção de uma perspectiva que reconcilie corpo e mente no estudo do papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de línguas e apresentando perspectivas futuras para pesquisas sobre o afeto.

Palavras-chave: Afeto; Emoções; Sentimentos; Estado da Arte.

Abstract

The aim of this article is to present a state of the art review of the notion of affect by detailing its conceptual boundaries, and unraveling the terminological complications which involve the relationship between this idea and bordering categories such as emotion and feeling. Therefore, through a comprehensive bibliographic research, we have offered an overview of the maturation and development history of the notion of affect, from its most relevant elaborations in the fields of philosophy, sociology, psychology and neuroscience to its appropriation in the language studies terrain. Afterwards, we have discussed the



10.23925/2318-7115.2025v46i1e68100



FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 30/08/2024

Aprovação do trabalho: 14/05/2025

Publicação do trabalho: 11/06/2025

AVALIADO POR:

Mariana Reis Mendes (PUC-SP)

Adolfo Tanzi Neto (UFRJ)

EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

COMO CITAR:

ABREU, D. C.; SILVEIRA, F. V. da R. Afeto, emoções e sentimentos: uma revisão do estado da arte. **The Especialist**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 566–586, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e68100.



different meanings and understandings attributed to affect in contemporary literature, which build a more intimate relationship with the field of study which delves into the impact of the affective experiences in language teaching and learning, privileging an embodied concept of affect. Finally, we have delimited borders and porous gaps among the categories of affect, emotions and feelings, highlighting the ramifications of adopting a perspective which reconciles body and mind in the study of the role of affectivity in the process of language teaching and learning, presenting perspectives for future research about affect.

Keywords: Affect; Emotions; Feelings; State of the Art.

1. Introdução

O afeto se constitui como um construto multifacetado, que representa um desafio para as mais variadas áreas de estudo, as quais atravessa no campo das ciências sociais, biociências, neurociências e ciências da linguagem (Bakko; Merz, 2015), principalmente no que tange à sua conceituação, delimitação e distinção em relação aos conceitos de emoções e sentimentos. Em uma extensa pesquisa sobre a presença do afeto na literatura, especialmente em textos épicos, Whers (2017) buscou relacionar, a partir de textos da antiga Babilônia (2100 A.C.), os estudos evolucionários neurocognitivos e a teoria do afeto nesse percurso histórico. A investigação realizada por Whers (*ibidem*) nos instiga ao expor alguns dos maiores dilemas da humanidade, exaustivamente estudados nas ciências humanas, sociais e biológicas: quem somos nós? Por que sentimos emoções? Qual é a relação entre afeto, emoções e sentimentos? Como o afeto se constitui no nosso corpo?

Segundo Hardt (2007), um dos desafios propostos pela perspectiva do filósofo Baruch Spinoza (1632-1677) sobre o afeto consiste em entender de que forma as mentes, os corpos, as ações, as paixões e o mundo se conectam e se afetam mutuamente. Nas palavras de Damasio (2018, p.122), “O afeto, portanto, é uma tenda bem ampla sob a qual deposito não só todos os sentimentos possíveis, mas também as situações e mecanismos responsáveis por produzi-los, ou seja, por produzir as ações cujas experiências tornam-se sentimentos”. Destarte, neste artigo, reconhecemos o caráter fluido e complexo da temática e pretendemos apresentar o estado da arte (Ludke; André, 1986) do afeto como construto e suas interfaces com os conceitos de emoções e sentimentos. Para tanto, iniciaremos com um breve histórico da conceituação do afeto nas áreas das ciências sociais, humanas e biológicas. Em seguida, abordaremos estudos realizados a partir de 2017, cujo enfoque recaia sobre as perspectivas contemporâneas acerca da definição e delimitação do afeto de modo inter e transdisciplinar. Na última seção, apresentaremos as

conexões entre afeto, emoções e sentimentos observadas pelas lentes das ciências humanas, sociais e biológicas.

2. Afeto: um panorama histórico

A investigação sobre os afetos, em suas múltiplas camadas de problemas e complicações, se confunde com a própria história do pensamento ocidental. Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Descartes, Kant e tantos outros nomes canônicos em diferentes campos do saber debruçaram-se com seriedade sobre o objeto em tela (Knuttila, 2004), produzindo uma literatura de proporções gigantescas. Não sendo possível devassar um oceano tão amplo de reflexões, na presente seção, delineamos uma pequena trilha em meio à mata fechada de estudos sobre os fenômenos afetivos, sendo tal recorte orientado pelas afiliações teóricas do presente trabalho e pela convergência dos autores mencionados com a concepção de afeto advogada.

Ainda que autores ainda mais ancestrais tenham derramado rios de tinta sobre o tema, um ponto de partida recorrente nos esforços de revisão da literatura produzida sobre os afetos é o pensamento de Spinoza. Tal proeminência atribuída às ideias do filósofo luso-batavo se justifica tanto pela centralidade que a noção de afeto assume em sua reflexão (pilar central de parte significativa de sua teorização sobre o ser humano), quanto pelo destaque angariado pelo intelectual em seu debate com o René Descartes, oferecendo um contraponto ao dualismo cartesiano.

A concepção de afeto promovida por Spinoza tende a ser descrita por seus intérpretes como uma geometria. Cada afeto, entendido de maneira sistêmica em uma estrutura complexa de inter-relações, possui uma contraparte que o espelha, estimulando um movimento contrário no corpo afetado. A alegria, por exemplo, uma vez experimentada pelo indivíduo, implicaria em um aumento de potência de agir em um determinado momento. Seu inverso, a tristeza, teria como resultado cogente uma diminuição no élan de ação do sujeito no momento de vivência desse afeto. Desdobrando-se da alegria e da tristeza, outros afetos como a nostalgia, a culpa, o medo, a esperança etc. associam o ganho/perda de energia para a ação à capacidade humana de deslocar-se temporalmente por meio de sua faculdade imaginativa, permitindo ao indivíduo viver a alegria/tristeza em relação ao passado/futuro. Além de seu caráter esquemático, o traço mais importante da compreensão spinozana dos afetos é o seu monismo fundamental – que se

contrapõe ao dualismo cartesiano. Ao celebrar uma visão monista acerca da inter-relação entre matéria e ideia, Spinoza rompe com o abismo erigido artificialmente pelo cartesianismo entre a *res cogitans* e a *res extensa*, viabilizando a reconciliação entre a afetividade (corporificada no sofisticado jogo de potências que nos atravessam e assujeitam) e a inteligência (também sediada no corpo).

O legado do pensamento spinozano, apesar de seu desprestígio diante do culto ao Logos patrocinado pelo Iluminismo, influenciou numerosas fileiras de pensadores subsequentes. Um deles, Lev Vygotsky, emerge como uma figura de proa na difusão de um entendimento mais aprofundado e sensível a respeito da centralidade dos afetos na vida em sala de aula. Familiar às ideias de Spinoza desde sua juventude, o psicólogo soviético, na contramão da concepção teórica hegemônica em seu tempo, inclinou-se de maneira cuidadosa sobre o tema da afetividade, consagrando-se como uma das grandes referências nesse tipo de investigação no panorama intelectual brasileiro.

A influência spinozana reluz nos escritos de maturidade de Vygotsky (2001) especialmente por meio da busca de uma teorização holística e integral dos fenômenos que constituem o ecossistema psicológico do ser humano. O afeto, pensado pela tradição iluminista como um fenômeno antagônico ao Logos, emerge nos escritos derradeiros do pensador soviético sob uma ótica distinta: como um processo central na vida psicológica do sujeito que se entrelaça com a cognição. Em vez de ser um obstáculo ao jugo soberano do intelecto, o afeto é concebido como o fundamento psicológico motivador das diferentes funções mentais que preenchem a nossa experiência. Em uma página célebre, Vygotsky (1996, p.314) diz: “o afeto e o intelecto não são dois polos reciprocamente excludentes, mas duas funções psíquicas estreitamente vinculadas entre si e inseparáveis”.

A compreensão vygotkiana sobre o enlace inexorável entre os processos afetivos e cognitivos marca uma revolução teórica em face da hegemonia do dualismo cartesiano. Binômios como corpo-mente, matéria-ideia, concretude-abstração deixam de ser dogmas de fé do estudo da psicologia, viabilizando uma investigação mais abrangente e sensível do papel dos afetos no universo de fenômenos da vida humana. O resgate da categoria de experiência afetiva (em russo, *perezhivanie*) pelos intérpretes do legado vygotkiano nas últimas décadas converge com esse movimento intelectual de mergulho no tema da afetividade. Ao promover uma visão sistêmica e integradora, representando os afetos como um regente das nossas experiências idiossincráticas,

Vygotsky (1994) antecipa em aproximadamente um século uma preocupação contemporânea: a influência dos processos afetivos na dinâmica das demais funções mentais (memória, imaginação, cognição etc.).

O interesse patente no tema da afetividade, a partir da segunda metade do século XX, passou a transbordar o seu domínio precípua na psicologia, alastrando-se por diferentes áreas do saber. História (Badinter, 1985), sociologia (Boler, 1999), Antropologia (Le Breton, 2011) e tantos outros campos científicos tomaram consciência da centralidade dos fenômenos afetivos na experiência humana e na constituição do tecido social. No emaranhado de escolas de pensamento dedicadas ao estudo do processo de ensino-aprendizagem de línguas, tal preocupação tornou-se ainda mais saliente, sendo numerosas as pesquisas que se debruçam sobre a emergência dos afetos na vida em sala de aula desde o início da década de 1970. Gozando de caráter pioneiro, a pesquisa sobre motivação desenvolvidas por Gardner e Lambert (1972) compõem um importante marco para essa corrente investigativa. Tendo como objeto de estudo o cenário linguístico canadense, os autores articularam o papel desempenhado pela motivação e pela atitude subjetiva no processo de aprendizagem de línguas ao contexto sociocultural dos participantes da disquisição. Uma das conclusões advogadas pelo estudo foi a primazia da motivação integrativa (que impulsiona o indivíduo para a integração com o outro), em meio a outras formas de motivação categorizadas pelos estudiosos, para o sucesso/fracasso do esforço de aprendizagem.

Crítico em muitos aspectos dos estudos inaugurais de Gardner e Lambert (1972), em especial por conta do uso de termos genéricos e polissêmicos (como motivação instrumental), Krashen (1985) consagrou no campo dos estudos sobre Aquisição de Segunda Língua o termo afeto por meio de sua hipótese do filtro afetivo. Este é definido pelo autor como uma barreira mental que atrapalha e impõe constrangimentos à absorção dos dados linguísticos do meio a que o aprendiz se integra. Assim, o processo de aquisição de uma segunda língua não passaria exclusivamente pela qualidade dos métodos de ensino e instrução que condicionariam o tipo de *input* de linguagem oferecido ao indivíduo; há um outro componente, subjetivo, que se faz patente nessa equação: a configuração do filtro afetivo do sujeito no momento de encontro com as construções na língua-alvo.

O interesse genérico nos fenômenos afetivos, ao longo da década de 1980, foi se canalizando para o efeito e a influência de certos afetos específicos no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Dentre tais estudos, orientados por um olhar mais delimitado,

destacam-se as pesquisas realizadas por Horwitz. Em 1986, o autor e uma série de colaboradores (Horwitz et al, 1986) elaborou uma escala de medição da ansiedade na sala de aula de língua estrangeira, representada pelo acrônimo, em inglês, FCLAS. O emprego do instrumento empírico permitiu aos autores delinear uma correlação entre o nível de ansiedade flagrado na sala de aula de línguas e a eficácia do esforço de aprendizagem de L2.

Ao longo da década de 1990, encenou-se um movimento de diálogo e aproximação entre algumas escolas teóricas da biologia (como a neurobiologia) e a psicologia de extração social e cognitiva, tendo como resultado premente a revitalização de um olhar holístico acerca dos afetos, que buscava compreendê-los em sua inter-relação inerente com os processos cognitivos. Uma das intelectuais que melhor expressou essa tendência investigativa foi a linguista Jane Arnold. Em um estudo de caráter seminal, Arnold (1999), movida por uma concepção filosófica spinozana, toma como ponto de partida uma crítica à visão cartesiana de afeto, contraposta de maneira radical à inteligência humana. Não apenas os elementos afetivos não podem ser concebidos de maneira isolada dos componentes cognitivos da mente humana, como também a própria existência dos segundos somente pode ser compreendida mediante a presença dos primeiros. Outra contribuição significativa do trabalho aqui referido é o seu ataque contundente à estigmatização dos afetos, um dos traços mais pronunciados das pesquisas sobre o tema durante as décadas anteriores.

Vistos apenas como obstáculos e barreiras, os afetos foram transformados em vilões dentro do ambiente da sala de aula de línguas. Promovia-se, assim, uma concepção contraditória de afetividade, que, ao mesmo tempo que chamava atenção para a importância dos elementos humanos no espaço pedagógico, os caracterizava como vícios de aprendizagem que deveriam ser compreendidos para serem satisfatoriamente superados. Invertendo tal interpretação deformada do papel dos afetos no trajeto de ensino-aprendizagem, Arnold (1999) assinala, por exemplo, a forma como a presença da ansiedade na sala de aula de L2 pode, em determinadas situações, atuar como um elemento facilitador da aprendizagem, contribuído para tornar os estudantes mais conscientes de sua performance linguística e de suas tarefas discentes. O olhar aguçado de Arnold (1999) ajudou a ampliar o horizonte de inteligibilidade sobre os fenômenos afetivos, incensando um olhar mais generoso e menos estigmatizante em relação à emergência dos afetos no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Na esteira do aporte intelectual de Arnold, proliferaram-se trabalhos dedicados a investigar não apenas a forma como certos afetos funcionam como

ferramenta indutora da aquisição de línguas – em vez de serem tratados apenas como fator de embargo e obstrução.

A virada do milênio trouxe um impulso à interdisciplinaridade e à articulação no campo científico entre diferentes áreas do saber. No terreno dos estudos preocupados com o papel das emoções e da afetividade no percurso do aprendiz de L2, uma obra representativa desse alargamento de escopo é o livro de Pavlenko (2005) que aborda o tema do multilinguismo e a forma como a trajetória de experiências subjetivas, banhadas pelo afeto, pode influenciar o resultado de um esforço de tornar-se falante de uma língua não-materna. Criticando o caráter colonizante de muitas pesquisas etnográficas, a autora denuncia a forma como as categorias empregadas por parte da literatura etnográfica na tentativa de entender a maneira como os indivíduos de culturas não-hegemônicas (fora do eixo do Atlântico-Norte) vivem suas experiências de aprendizagem não expressam os valores e as formas de ser da cultura (em sentido macro ou micro) sob análise.

Tal constatação serve de ponto de partida para uma reflexão sobre a importância da vinculação afetiva do aprendiz com a língua-alvo, destacando a maneira complexa e bela como os diferentes idiomas que atravessam o caminho de uma pessoa ao longo de sua vida geram experiências afetivas singulares, fomentando novos modos de pertencimento e expedientes de construção identitária. Ainda que outros trabalhos tenham estabelecido uma conexão entre a formação discursiva das identidades no campo psicológico e interacional e os fenômenos afetivos, não se pode diminuir a centralidade da contribuição de Pavlenko (2005, 2013) para a consolidação de um entendimento de afeto à luz de uma interseção com outras variáveis psicológico-discursivas, como as identidades em sua concepção transitória e fluida.

O espriamento do interesse na esfinge dos afetos nas grandes praças científicas do Ocidente influenciou o surgimento de uma corrente investigativa, composta de diferentes linhas teórico-metodológicas, ocupada do estudo da afetividade no contexto do ensinar-aprender línguas. Uma série de estudos temporários - como as pesquisas de Celani (1992) sobre a vida em sala de aula de L2, as reflexões da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2013) e as pesquisas seminais de Barcelos (2015) sobre crenças - podem ser tomados como empreendimentos pontuais de grande valor para a disseminação de um olhar sensível à afetividade no pensamento nacional. Contudo, somente o adensamento sistemático da literatura em tela nos anos 2000 promoveu a

definitiva consolidação de uma escola brasileira de pensamento e investigação sobre o papel dos afetos na relação subjetiva com as línguas.

Nesse esforço coletivo, destacam-se as disquisições desenvolvidas sob a égide ético-metodológica da Prática Exploratória (Miller et al, 2008; Moraes Bezerra, 2013), que inquiriram sobre a presença da afetividade em diferentes ambientes de aprendizagem. Tendo como objeto a qualidade de vida na sala de aula de línguas, Gieve e Miller (2006) avançam uma compreensão individualizada e complexa dos agentes que favorecem e perturbam a qualidade de vida no espaço escolar. Os autores denunciam a prevalência de uma visão objetivista e estática de qualidade de vida, assentada em taxonomias e esquemas de passo-a-passo que encontram sua forma mais radical de vulgarização nos gurus de autoajuda, propondo uma nova compreensão para o termo, tão maltratado por seu uso corrente. Trabalhar pelo incremento da qualidade de vida na sala de aula perpassa, dentre tantos outros âmbitos, entender a trama intrincada de afetos que permeiam as relações humanas no processo de tornar-se um falante de uma outra língua, ampliando o horizonte reflexivo sobre as implicações e os desafios de tal percurso.

Outro filão de estudos que contribuiu decisivamente para o fortalecimento do interesse sobre o tema dos afetos no Brasil foi a investigação sobre a centralidade das crenças na aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse campo de trabalho, o nome de Barcelos ganha proeminência. Um dos escritos que exemplificam de maneira mais diáfana o diálogo entre crenças e afetos no aprender-ensinar inglês é o artigo escrito pela autora mineira em companhia de Da Silva (2015), em que a experiência coletiva de um grupo de professoras atuantes em escolas públicas de Minas Gerais é colocada sob uma lente que busca flagrar nas entranhas do discurso a forma como os afetos e as crenças dessas docentes se entrelaçam na sua prática de sala de aula. A partir de uma análise das narrativas compartilhadas pelas professoras, as pesquisadoras assinalam o papel das crenças negativas na conformação das experiências de sofrimento e angústia vividas por essas educadoras. Evidencia-se, assim, a interface instituída na consciência entre as crenças sobre a vida em sala de aula e o jogo complexo e fluido de afetos que arrebatam os participantes do contexto em tela.

Mais do que estabelecer a afetividade como um tema de relevo no panorama de interesses de diferentes campos do saber de preocupados com o aprender-ensinar línguas, os estudos pioneiros de Barcelos e dos autores vinculados à Prática Exploratória sedimentaram uma forma específica de compreensão dos afetos no pensamento brasileiro, calcada em uma visão

multifacetada, sistêmica, complexa e (inter-)subjativa. Tal compreensão se mostra patente nos estudos contemporâneos sobre a afetividade, objeto de interesse da seção seguinte deste artigo.

3. Perspectivas contemporâneas acerca do afeto

Investigado desde os primórdios da história, o afeto é considerado o problema dos problemas (Cross, 2021). Sendo assim, em todos os estudos até os dias de hoje, a ausência de uma definição única e geral de afeto prevalece. Nesta seção, apresentaremos as perspectivas dos últimos trabalhos publicados acerca dos aspectos neurais e socioculturais que envolvem as pesquisas sobre o afeto.

3.1. O afeto nas neurociências

Feldman Barrett (2020) se refere à teoria de um cérebro trino (MacLean, 1970) como um dos erros mais difundidos da ciência. De acordo com essa teoria, o cérebro é dividido em três camadas, sendo a mais profunda, herdada de ancestrais répteis, responsável pelos nossos instintos de sobrevivência, enquanto a camada intermediária (o sistema límbico), advinda de mamíferos pré-históricos abrigaria as partes relacionadas às emoções. A camada mais externa, parte do cérebro cortical, responderia pelos pensamentos racionais. Feldman Barrett (ibidem) assevera que o cérebro é uma rede formada por 128 bilhões de neurônios conectados como uma enorme e única estrutura flexível.

O afeto, de acordo com Feldman Barrett (2020), não é o mesmo que a emoção, visto que o cérebro produz afeto constantemente, quer percebamos ou não.

O afeto é a fonte de todas as nossas alegrias e mágoas. Ele torna algumas coisas profundas e sagradas para você e outras, triviais e venais. Se você for uma pessoa religiosa, o afeto te ajuda a sentir-se conectado com Deus. Se você for uma pessoa espiritualizada, mas não necessariamente religiosa, o afeto se torna o sentimento transcendente de fazer parte de algo maior que você mesmo. Se você for cético, o afeto é aquilo que move a sua certeza de que os outros estão errados. (Barrett, 2020, p. 79)¹.

¹ Tradução nossa: Affect is the source of all your joys and sorrows. It makes some things profound or sacred to you and other things trivial or vile. If you're a religious person, affect helps you feel connected to God. If you're a spiritual person but not necessarily religious, affect becomes the transcendent feeling of being part of something larger than yourself. If you're a skeptic, affect is what drives your certainty that others are wrong.

A definição de afeto defendida por Barrett (2020) dialoga com a metáfora proposta por Damasio (2018) quando apresenta o afeto como uma “tenda” (ibidem, p. 122), que abriga as emoções e os sentimentos. Russel (1980, 2014) aborda o conceito de afeto nuclear para elucidar o funcionamento do afeto no organismo e o define como um processo primitivo, um estado neurofisiológico, acessível à consciência, no âmbito da valência, como um sentimento de bem-estar ou mal-estar. O afeto, dessa forma, relaciona-se à homeostase, entendida como um processo corporal que busca manter o funcionamento interno estável. Damasio (2018) destaca o papel de regiões cerebrais como a ínsula e o tronco encefálico na ligação entre a regulação homeostática e o afeto. Assim, a ínsula processa as informações sensoriais e autonômicas das vísceras e o tronco encefálico regula as funções autonômicas essenciais para a homeostase e contribui para formar respostas afetivas básicas.

O afeto é normalmente descrito e analisado a partir de duas dimensões: valência e excitação (Russel, 1980; Adolphs; Andersons, 2018). A valência se refere à atratividade ou aversão intrínseca de uma emoção e varia de agradável (positiva) à desagradável (negativa). A excitação, por sua vez, está ligada à intensidade da emoção, podendo variar entre baixa (em emoções como a calma, o relaxamento e o tédio) e alta (excitação, raiva e ansiedade). Consequentemente, o afeto depende da interocepção (percepção ou sensibilidade acerca dos estímulos e variações no interior do organismo). Assim, quando o cérebro representa mudanças interoceptivas, experimentamos prazer, desprazer, agitação ou calma (Feldman Barrett, 2017).

Segundo a Teoria das Emoções Construídas (Feldman Barrett, 2017), as emoções são construídas a partir da interação entre valência e excitação, a qual denomina como afeto nuclear e as informações contextuais. Davidson e Begley (2012) investigaram o modo como as diferenças individuais em termos de valência e excitação estão ligadas ao funcionamento do cérebro e enfatizaram o papel do córtex pré-frontal e da amígdala na regulação das respostas afetivas.

Feldman Barrett (2009) salienta que as pessoas experimentam o afeto nuclear até de forma não intencional, considerando a influência dos ciclos diurnos (afetam processos biológicos, comportamentais e ambientais), mudanças hormonais e respostas imunológicas. Além das questões internas, o afeto nuclear sofre influência de eventos reais, imaginados, lembrados e futuros, bem como responde à realidade virtual nas artes, na imaginação, na fantasia e no entretenimento (Russel, 2014).

De modo complementar à valência e à excitação, o conceito de *qualia* (Nagel, 1974; Jackson, 1982; Chalmers, 1996; Kriegel, 2023) abrange as qualidades únicas e subjetivas das experiências emocionais. Desse modo, enquanto a valência e a excitação caracterizam uma emoção como a raiva, por exemplo, como de alta excitação e valência negativa, *qualia* descrevem a experiência pessoal de sentir-se com raiva. O termo *qualia* advém do latim “qualidade” e, no campo das neurociências, apresenta um desafio: entender de que forma os mecanismos neurais processam e geram as experiências subjetivas.

No campo das neurociências, Gündem *et al* (2022) destacam duas principais correntes teóricas em conflito no que tange aos estudos sobre o afeto: a teoria das emoções básicas (TEB) e as teorias da construção psicológica (TCP). De acordo com a TEB, existe um número limitado de categorias de emoções, a saber: raiva, tristeza, felicidade, medo, nojo e surpresa, as quais diferem em termos de expressão, avaliação, resposta comportamental e fisiologia (Ekman, 1992; Izard, 2011; Tompkins, Panksepp, 2011; Plutchik, 1980). Damasio (1999; 2010) estabelece duas categorias para as emoções: primárias e secundárias. As emoções primárias (medo, raiva, nojo, felicidade, tristeza e surpresa) são consideradas respostas inatas biológicas e automáticas a um determinado estímulo, enquanto as emoções secundárias (culpa, vergonha, orgulho, ciúme, acanhamento e amor) são mais influenciadas pelo contexto sócio-histórico-cultural.

As teorias da construção psicológica (Feldman Barrett, 2017; Gündem *et al*, 2022), por outro lado, propõem uma abordagem antiessencialista ao defender que, enquanto cada emoção constitui um evento único, um conjunto de operações psicológicas fundamentais, os quais incluem o afeto nuclear (valência e excitação) e a conceitualização (gerando sentido a partir da integração de sinais externos e internos através da associação com as experiências passadas) subjazem o processamento de todos os eventos emocionais.

Na próxima subseção, apresentaremos as perspectivas mais recentes das ciências humanas e sociais acerca da complexidade do conceito de afeto.

3.2. O afeto à luz da filosofia, sociologia e linguística aplicada

Longe de contemplar o conceito de afeto em todas as ciências humanas e sociais, dedicamos esta subseção à apresentação de aspectos relevantes no que tange aos trabalhos sobre afeto nas áreas da filosofia, sociologia e linguística aplicada. Tomamos como ponto de partida a virada afetiva (Clough, 1997), cujo foco recai no papel do afeto e das emoções nas

experiências humanas e iniciamos com conceitos-chave acerca dos estudos sobre o afeto na filosofia. Adolphs e Anderson (2018) destacam o impacto da obra de Paul Griffiths (1997) intitulada “O que as emoções realmente são”, a qual defende que as diferentes emoções pertencem a categorias mais amplas e que uma única teoria não será capaz de explicar esses fenômenos. Massumi (2002, 2021) e Sedgwick (2003) definem afeto como uma espécie de intensidade corporal, pré-consciente, que não pode ser capturada totalmente pela linguagem e cognição.

Sob outra ótica, Ahmed (2004, 2010) enfatiza as dimensões sociais e culturais do afeto ao integrá-lo aos estudos sobre a teoria feminista e a teoria queer. Dessa forma, a autora (*ibidem*) explora a forma como o afeto se agarra a objetos, corpos e ideias, exercendo influência na interação e nas relações de poder. Ao desenvolver trabalhos que envolvem estética e categorias culturais, Ngai (2005, 2012) define afeto como um conjunto de respostas emocionais ligadas a práticas sociais e culturais.

Observamos, nesses estudos, que o afeto está relacionado a diversos conceitos. O primeiro destacado se refere à interface afeto/poder (Foucault, 2008; Ahmed, 2004; Berlant, 2011; entre outros), na qual o afeto configura, além da experiência pessoal, um lócus de regulação e manipulação do poder político. O segundo conceito, de intensidade afetiva (Massumi, 2002), inclui reflexões sobre o grau ou força de uma determinada experiência afetiva, em contraste com emoções específicas. Brennan (2014) estudou a ressonância afetiva e o contágio ao analisar a forma através da qual as emoções podem se espalhar e se ampliar através da interação social, levando a estados afetivos coletivos. Nathaniel Barret (2023) assevera que o afeto possui três componentes: sentimento, valor e causalidade. O autor (*ibidem*) reconhece a complexidade inerente aos conceitos e não apresenta uma única definição para afeto e sentimento ao discutir esses construtos no seu livro acerca da teoria do afeto e a sua relação com a consciência (Barrett, 2023).

Nos estudos da área da Sociologia, o afeto é amplamente definido como uma experiência ou sensação de intensidade pré-cognitiva, corporificada, que influencia o comportamento humano e as interações sociais. O afeto, normalmente descrito como não representacional (Thift, 2007), transcende as experiências subjetivas e opera em um nível mais fundamental, pré-verbal. Diferencia-se das emoções, as quais são consideradas experiências mais estruturadas, conscientes e socialmente construídas. Sendo assim, os estudos sobre o afeto no âmbito da sociologia abordam, entre outros aspectos, as estruturas e interações sociais no que tange ao trabalho

emocional (Hochschild, 1983; Illouz, 2007; Steinberg; Figart, 2016), ao trabalho afetivo (Hardt, 1999), aos movimentos sociais, políticos e discurso público (Goodwin *et al*, 2001; Davidson *et al*, 2005; Thrift, 2007; Wilkinson; Kleinman, 2016; Paasonen, 2019), ao afeto digital (Sampson, 2012), às emoções revividas (Syndhya, 2017), com foco nas emoções, socialmente construídas, e na sociedade como uma entidade determinada emocionalmente.

No campo da linguística aplicada, os estudos acerca do afeto não miram na sua definição, e sim na sua influência no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, no que diz respeito às estratégias de aprendizagem (Oxford, 2011), à motivação (Dörnyei; Ushioda, 2010; Dörnyei *et al*, 2014), às emoções nas relações sociais e profissionais no contexto de ensino e aprendizagem de línguas (Barcelos, 2015; Zembylas, 2006; Gkonou; Miller, 2023; Miller *et al*, 2019; Colombo Gomes; Silveira, 2023; entre outros). Ademais, o afeto atravessa os estudos em linguística aplicada em pesquisas que reconhecem interfaces entre emoções, crenças e identidade de docentes e aprendizes de línguas (Barcelos, 2015; Kalaja *et al*, 2015; Aragão e Cajazeira, 2017; Silveira, 2012, 2021; Benesch, 2018; Abreu, 2018; Hasper; Barkhuizen, 2023; entre outros). Abrigados na linguística aplicada crítica (Pennycook, 2021), vários trabalhos entrelaçam o afeto às questões referentes à sociedade, à justiça social, à ideologia e à política, presentes no uso e no ensino/aprendizagem das línguas (Kramsch, 2009; Morgan *et al*, 2021; Pavlenko, 2005; 2023; Pennycook, 2021).

Ao considerar o afeto como o termo mais abrangente que inclui emoções, sentimentos, atitudes e humor (Arnold, 2005) e as palavras de Damasio (2018, p.137), o qual explica que os sentimentos são “experiências mentais conscientes do evento emocional”, arriscamo-nos a afirmar que a análise linguístico-discursiva das emoções nos estudos em linguística aplicada toma como base os sentimentos. Reconhecemos que as emoções são geradas biologicamente, em uma relação de interdependência com as construções históricas, sociais e culturais. De forma recorrente, percebemos que os estudos que envolvem o afeto na linguística aplicada utilizam os termos afeto, emoções e sentimentos de forma intercambiável e superficial. Dado o crescimento do número de pesquisas sobre essa temática tanto no Brasil quanto no exterior, faz-se mister reiterar que afeto, emoção e sentimento apresentam diferenças conceituais, as quais serão abordadas na próxima seção.

Considerações finais: afeto, emoções e sentimentos

Como explicitado, pretendemos, com este artigo, trazer à baila o estado da arte em relação ao conceito de afeto, o qual abarca, entre outros aspectos, emoções e sentimentos. Damasio (2018, p.122) se refere ao afeto como um “mundo paralelo”, no qual transitam sentimentos causados pelo fluxo dos processos vitais, relacionados à homeostase, pelas respostas emotivas geradas a partir do estímulo dos cinco sentidos, dos impulsos (fome, sede, entre outros) e das emoções, como a alegria, a tristeza, o medo e a raiva, por exemplo. Nas palavras do autor (*ibidem*, p.123):

Quase toda imagem na procissão principal que chamamos de mente, desde o momento em que o item é atingido pelo holofote mental da atenção até aquele em que o deixa, tem um sentimento ao seu lado. As imagens são tão ávidas por companhia afetiva que até as que constituem um sentimento proeminente podem ser acompanhadas por outros sentimentos, mais ou menos como os harmônicos de um som, ou os círculos que se formam quando uma pedra cai na superfície da água. Não existe ser, no sentido estrito do termo, sem uma experiência mental espontânea da vida, um sentimento de existir.

Os sentimentos, portanto, correspondem aos relatos constantes da qualidade dos estados da vida no interior dos nossos corpos (Damasio, 2018), que afetam e são afetados por todos os contextos nos quais transitamos e/ou evocamos na memória (Feldman Barret, 2020). Feldman Barret (2017, p. 43) se apoia no construto da construção e define emoções como “as criações do cérebro para o significado das sensações corporais em relação ao que está acontecendo no mundo ao seu redor”. Destarte, o cérebro faz uso das experiências vividas, organizadas em conceitos, os quais guiam as nossas ações e dão sentido às sensações. Assim, em vez de afirmar que a alegria, por exemplo, é uma emoção, a autora (*ibidem*) prefere o termo ‘instância de emoção’, devido às variações de construções pessoais possíveis para essa mesma emoção.

À luz das definições apresentadas, estabelece-se uma convergência em torno de uma compreensão ampla e abrangente dos afetos, vinculando-os de forma complexa e sinuosa às demais camadas da vivência humana. Há no pensamento contemporâneo também um movimento em direção ao reconhecimento da ancoragem corporal e biológica desse fenômeno. O mundo paralelo damasiano é composto por um caleidoscópio de significações para o jogo das sensações e processos vitais que viabilizam fisiologicamente a experiência humana. Assim, o corpo ganha protagonismo nesse modelo de inteligibilidade, permitindo uma reconciliação entre o âmbito abstrato da vida mental e a concretude viva das manifestações criativas, reativas, gestuais e comportamentais das nossas emoções. Como resultado, a matriz teórica que olha para os afetos em sua inter-relação com a corporeidade dá passos firmes no sentido da superação do

Erro de Descartes (Damásio, 1996), que indebitamente opôs em esferas ontológicas distintas o corpo e a ideia.

Considerando o panorama apresentado neste artigo, o afeto é apropriado e conceituado por muitas áreas do conhecimento, a partir das quais pesquisas apontam caminhos nos quais o afeto é entendido como uma força social que transcende as emoções das pessoas ao influenciar e ser influenciado pelo comportamento coletivo, pelas normas culturais e estruturas sociais. Ademais, o afeto entra em comunhão com os conceitos de identidade, poder, ética, vulnerabilidade e agência, tornando-se protagonista no esforço de dissolução das fronteiras abstratas entre Razão e emoção, a partir de trabalhos que defendem a natureza relacional e corporificada da existência humana.

As perspectivas futuras dos estudos sobre o afeto reiteram o seu caráter multi, inter e transdisciplinar, a fim de explorar novas dimensões, aplicações e conexões. Observa-se, dessa forma, um movimento em direção à integração entre as áreas das neurociências, sociologia, filosofia e linguagem, no sentido de investigar as relações entre os processos neurológicos, sociais e culturais. Outra tendência de estudos envolve a análise dos aspectos tecnológicos como o ambiente digital, a inteligência artificial e a realidade virtual nos processos de mediação, manipulação e ampliação das emoções. Pesquisas futuras também podem desafiar as estruturas eurocêntricas, incorporar perspectivas de afeto não-ocidentais e, a partir de um olhar decolonial, no âmbito da linguística aplicada, apresentar reflexões que abordem a influência da colonialidade na construção das emoções. O processo de (re-)construção discursiva dos afetos e sua revivência em diferentes instâncias interacionais, abarcando os diferentes fatores que influenciam nessa tessitura complexa, também é uma vereda promissora de investigações.

Tomando como referência o contexto pós-pandêmico, emoções coletivas como o medo, o luto e a esperança podem ser analisados quanto ao papel que exercem nos movimentos sociais. Ademais, estudos sobre a governança afetiva podem se dedicar às formas através das quais governos e instituições utilizam o afeto para manipular a população e, assim, revelar como as emoções são estrategicamente mobilizadas para manter ou desafiar as estruturas de poder. A educação constitui um campo frutífero para os estudos sobre o afeto e a sua influência nas relações interpessoais, profissionais, na aprendizagem e no desenvolvimento do letramento emocional e do bem-estar.

Informações complementares:

a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:

Todos os autores participaram diretamente e de maneira dialógica no processo de artesanato teórico, idealização, planejamento e redação do escrito. Fernanda Silveira produziu o levantamento bibliográfico, a síntese e a discussão da revisão de literatura para composição do estado da arte dos estudos sobre afeto/emoções na contemporaneidade, tendo sido a redação da seção 3 do escrito, além da discussão proposta nas considerações finais, produto desse aporte. Por sua vez, Diego Abreu, que também participou ativamente do esforço de geração de entendimentos plasmado na seção de considerações finais, produziu a revisão bibliográfica e discussão pertinente registrada na seção 2 do escrito. Mesmo nas seções em que um dos autores atuou de maneira mais detida, o outro também participou de forma direta – seja por meio da discussão preliminar à redação, da própria elaboração do desenho do artigo ou pela revisão do trabalho.

b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:

O material que serviu de base para a composição desse artigo de estado da arte encontra-se listado e organizado na seção relativa às referências bibliográficas.

c) Declaração de conflito de interesse:

Declaramos não haver conflitos de interesse.

d) Avaliação por pares:

✓ Avaliador 1: Mariana Reis Mendes (aceitar)

O trabalho apresenta boa fundamentação teórica e promove um diálogo produtivo com os autores de referência. Cumpre o objetivo a que se propõe, ao oferecer um panorama histórico do estudo do afeto em diferentes áreas, desembocando no estudo da linguagem como ponto de convergência. O texto é bem escrito e utiliza corretamente as normas de formatação de trabalhos acadêmicos.

✓ Avaliador 2: Adolfo Tanzi Neto (aceitar)

O trabalho apresenta histórico bibliográfico pertinente para o volume.

Referências

ABREU, Diego Candido. **O inglês à flor da pele**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2018.

ADOLPHS, Ralphs; ANDERSON, David, J. **The neuroscience of emotions: a new synthesis**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

AHMED, Sarah. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

AHMED, Sarah. **The Promise of Happiness**. Darham: Duke University Press, 2010.

ARAGÃO, Rodrigo.C.; CAJAZEIRA, Roselma.V. Emoções, crenças e identidades na formação de professores de inglês. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, Vol. 16, n. 2, p. 109-133, 2017.

- ARNOLD, Jane (Ed.). **Affect in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- ARNOLD, Jane. **Emotion and Affect in Language Learning: Theoretical and Practical Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKKO, Erik., MERZ, Eva. The Role of Emotions in Organizational Decision-Making: An Integrative Review. **Journal of Organizational Behavior**, vol. 36(6), 759-784, 2015.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions, and identities. **Studies in Second Language Learning and Teaching**, vol.5, n.2, p.301-324, 2015.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira; DA SILVA, Denize Dinamarque; Crenças e emoções de professores de inglês em serviço. **Revista Contexturas**, nº 24, 2015. p.6 – 19.
- BARRET, Lisa F. **How emotions are made: the secret life of the brain**. New York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2017.
- BARRETT, Lisa F. **Seven and a half lessons about the brain**. New York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2020.
- BARRETT, Nathaniel. *The Role of Affect in Decision-Making Processes: New Insights and Theoretical Perspectives*. **Behavioral Science & Policy**, vol. 23(1), 57-74, 2023.
- BENESCH, Sarah. Emotions as agency: feeling rules, emotion labor, and English language teachers' decision-making. **System**, vol. 79, p. 60-69, 2018.
- BERLANT, Lauren. **Cruel Optimism**. Darham: Duke University Press, 2011.
- BRENNAN, Thomas. **The Transmission of Affect**. Ithaca: Cornell University Press, 2004.
- BOLER, Megan. **Feeling power: emotions and education**. New York: Routledge, 1999.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é LA? In: PASCHOAL, Maria Sophia Zanotto; CELANI, Maria Antonieta Alba (Org.). **Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.
- CHALMERS, David J. **The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- CLOUGH, Patricia. T.; HALLEY, Jean (Eds.). **The Affective Turn: Theorizing the Social**. Darham: Duke University Press, 2007.
- COLOMBO GOMES, Gysele. S; SILVEIRA, Fernanda.V. Imagens e questões intrigantes para duas praticantes exploratórias: sobre crenças e emoções de crianças aprendizes de inglês como língua

franca. In: COLOMBO GOMES, Gysele.S.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs.) **Emoções e ensino de línguas**. Curitiba: CRV, p. 65-88, 2023

CROSS, Michael. *Emotional Intelligence and Interpersonal Skills in the Workplace: A Comprehensive Review*. *Journal of Organizational Psychology*, 21(4), 45-60, 2021.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DAMASIO, António. R. **The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness**. San Diego: Harcourt Brace, 1999.

DAMASIO, António. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

DAVIDSON, Richard; BEGLEY, Sharon. **The Emotional Life of Your Brain: How Its Unique Patterns Affect the Way You Think, Feel, and Live - and How You Can Change Them**. New York: Hudson Street Press, 2012.

DAVIDSON, Richard; BONDI, Liz; SMITH, Mick. **Emotional Geographies**. Farnham: Ashgate, 2005.

DÖRNYEI, Zoltan; USHIODA, Ema. **Teaching and researching motivation**, 2nd edition. Pearson ESL, 2010.

DÖRNYEI, Zoltan; MACINTYRE, Peter.; HENRY, A. (Eds.) **Motivation dynamics in language learning**. *Multilingual Matters*, 2014.

EKMAN, Paul. An argument for basic emotions. **Cognition Emotion**, vol. 6, p.169–200, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARDNER, Robert; LAMBERT, Wallace. **Attitudes and motivation in second language learning**. Newbury House: Rowley, MA. 1972.

GIEVE, Simon; MILLER, Inés Kayón. What do we mean by quality of classroom life? In: MILLER, Ines Kayón; GIEVE, Simon (Ed.). **Understanding the Language Classroom**. Palgrave Macmillan, New York. 2006.

GKONOU, Christina; MILLER, Elizabeth. Relationality in language teacher emotion regulation: Regulating emotions through, with and for others. **System**, vol. 115, p.01-10, 2023.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James. M.; POLLETTA, Francesca. (eds.) **Passionate Politics: Emotions and Social Movements**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

GRIFFITHS, Paul **What Emotions Really Are: The Problem of Psychological Categories**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

GÜNDEM, Doga *et al.* The neurobiological basis of affect is consistent with psychological construction theory and shares a common neural basis across emotional categories.

Communications Biology, v. 5, p.1-12, 2022. <https://doi.org/10.1038/s42003-022-04324-6> acesso em 24/07/2024.

HARDT, Michael. *Affective Labor*. **Boundary 2**, 26(2), 89-100, 1999.

HARDT, Michael. "Foreword: What Affects Are Good For." In Patricia Ticineto Clough; Jean Halley (Eds.), **The Affective Turn: Theorizing the Social** (pp. ix-xiii). Darham: Duke University Press, 2007.

HASPER, Anna; BARKHUIZEN, Gary. CELTA tutors' beliefs about online tutoring practices. **ELT Journal**, p.1-10, 2023.

HOCHSCHILD, Arlie. **The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling**. University of California Press, 1983.

HORWITZ, Elaine.; HORWITZ, Michael; COPE, Joann. Foreign Language Classroom Anxiety. **The Modern Language Journal**, v. 70, n. 2, 1986. p. 125-132.

ILLOUZ, Eva. **Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism**. Polity, 2007.

IZARD, Carroll. Forms and functions of emotions: matters of emotion–cognition interactions. **Emot. Rev.** vol. 3, p.371–378, 2011.

JACKSON, Michael. **Allegories of the Wilderness: Ethics and Ambiguity in Kuranko Narratives**. Indiana University Press, 1982.

KALGIA, S., ZAFEIRIOU, S., NICOLAOU, M. A., PAPAIOANNOU, A., PANTIC, M. *Affective Face Analysis: Detecting Affect from Facial Expressions under Real-World Conditions*. **International Journal of Computer Vision**, vol. 113(2), 206-227, 2015.

KRAMSCH, Claire. *The Multilingual Subject: What Foreign Language Learners Say About Their Experience and Why It Matters*. Oxford University Press, 2009.

KRASHEN, Stephen. **The input hypothesis: Issues and implications**. California: Laredo Publishing Co Inc., 1985.

KRIEGEL, U. (Ed.). **The Oxford Handbook of Philosophy of Consciousness**. Oxford: Oxford University Press, 2023.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MCLEAN, C. A. *The Rationality of Emotions*. **Philosophy and Phenomenological Research**, vol. 31(1), 99-117, 1970.

MASSUMI, Brian. **Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation**. Darham: Duke University Press, 2002.

MASSUMI, Brian. **A Shock to Thought: Expression After Deleuze and Guattari**. London: Routledge, 2021.

MILLER, Inés Kayon; BARRETO, Beatriz; KUSCHNIR, Adriana; SETTE, Maria de Lourdes; MORAES BEZERRA, Isabel Cristina Rangel. CUNHA, Maria Isabel. BRAGA, Waleska. Prática Exploratória: questões e desafios. In: GIL, Glória; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena. **Educação de Professores de Línguas: os desafios do formador**. Campinas: Pontes Editores, 2008.

MILLER, Inés. Kayón; MONTEIRO, M.C.G. de G ; BARRETO, Beatriz. Work for Understanding as Innovation in Initial Teacher Education Programs. In: Barwani, T.A.; Flores, M. A.; Imig, D.. (Org.).

Leading Change in Teacher Education: Lessons from Countries and Education Leaders around the Globe. 1ed. Londres: Routledge, 2019, v. 1, p. 23-38.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013.

MORAES BEZERRA, Isabel Cristina Rangel. Aprender a ensinar inglês: O que o afeto tem a ver com isso? **Revista Soletras**, nº 25, 2013. p. 257-281.

MORGAN, Brian; ROCHA, Claudia; MACIEL, Ruberval. Literacies in Times of Crisis: A Trioethnography on Affective and Transgressive Practices. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.21, n. 2, p. 333-369, 2021.

NAGEL, Thomas. *What Is It Like to Be a Bat?* **The Philosophical Review**, vol. 83(4), 435-450, 1974.

NGAI, Sianne. **Ugly Feelings**. Harvard University Press, 2005.

NGAI, Sianne. **Our Aesthetic Categories: Zany, Cute, Interesting**. Harvard University Press, 2012.

OXFORD, Rebecca **Teaching and Researching Language Learning Strategies**. London: Routledge, 2011.

PAASONEN, Susanna. **Depression: A Public Feeling**. Darham: Duke University Press, 2019.

PANKSEPP, Jaak.; WATT, D. What is basic about basic emotions? Lasting lessons from affective neuroscience. **Emot. Rev.** v. 3, p.387-396, 2011.

PAVLENKO, Aneta. **Emotions and Multilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PAVLENKO, Aneta. The Affective Turn in SLA: From “Affective Factors” to “Language Desire” and “Commodification of Affect”. In: BIELSKA, Joanna; GABRYS-BARKER, Danuta. (Ed.). **The Affective Dimension in Second Language Acquisition**. Salisbury. 2013. p. 5-61.

PAVLENKO, Aneta. (Ed.). **Multilingualism and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

PENNYCOOK, Alaystair. **Critical applied linguistics**, 2nd. Edition. New York: Routledge, 2021.

PLUTCHIK, Robert. **Emotion: A Psychoevolutionary Synthesis**. Harper & Row, 1980.

- RUSSELL, James. A. A Circumplex Model of Affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, 39(6), 1161-1178, 1980.
- RUSSEL, James. *Emotion, Core Affect, and Psychological Construction*. In: LEDOUX, Joseph et.al. (Eds.) **The emotional brain revisited**. Kraków: Copernicus Center, 2014, p. 223-258.
- SAMPSON, Edward. **The Map Is Not the Territory: Studies in the Philosophy of Science**. London: Routledge, 2012.
- SEDGWICK, Eve. *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*. Duke University Press, 2003.
- SILVEIRA, Fernanda Vieira Rocha **Ressignificando a ansiedade na aprendizagem de línguas estrangeiras através das crenças: um estudo exploratório**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil, 2012.
- SILVEIRA, Fernanda Vieira Rocha “Por que não joga tudo pra cima e abandono de vez o aprendizado em inglês?” Reflexões e entendimentos sobre a ansiedade de língua estrangeira. **Pensares em Revista**, n.23, p. 141-162, 2021.
- STEINBERG, Richard; FIGART, Deborah. **The Economics of Emotions: Theoretical Perspectives and Practical Applications**. London: Routledge, 2016.
- THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: space, politics, affect**. London: Routledge, 2008.
- TOMPKINS, Silvan. **Affect Imagery Consciousness: Volume III. The Negative Affects**. Springer, 1995.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. The problem of the environment (T. Prout, trad.). In: VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. (Ed.). **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1994.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996.
- WHERS, Donald; BLAKE, Thomas. **The Palgrave Handbook of Affect Studies and Textual Criticism**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017.
- WILKINSON, Lisa.; KLEINMAN, Arthur. **A Passion for Society: How We Think about Human Suffering**. University of California Press, 2016.
- ZEMBYLAS, Michalinos. *The Emotional Geographies of Teaching: A Review of the Literature and a Case Study*. **Teaching and Teacher Education**, vol.22(2), 2006. p. 113-122.